

Boletim

Nº 1.968 - Ano 43 - 13 de março de 2017



DESVENDANDO OS SINAIS

Estudo desenvolvido por pesquisadores da UFMG e de instituições dos Estados Unidos e do Japão busca compreender os sinais químicos relacionados com a reprodução de células-tronco hematopoiéticas, o que pode abrir caminho para seu cultivo em laboratório e aumentar as chances de sucesso dos transplantes de medula óssea.

Páginas 4 e 5

Imagem da medula óssea dentro do osso esterno

Artur Avila e Ana Martins Marques abrem ciclo de conferência dos 90 anos

Página 3

ÍNDIOS: memória, presença e VOZ

Leonardo Cruz de Souza *

Havia os bólidos voadores que rasgavam velozmente os céus; havia as fábricas que despejavam bens para a avidez consumista; havia indivíduos perfeitamente “normais” à custa do soma, droga psiconormativa. E havia um Selvagem, John.

John, o elemento assíncrono em uma sociedade perfeitamente simétrica, o humano em sistema social alijado do humanismo, que recitava Shakespeare em uma era de proscrição do lirismo, o Selvagem que estava onde não deveria estar – afinal, “selvagens” tinham de ficar em reservas cercadas, longe da “civilização”, sem interferir no mundo da tecnocracia produtivista.

Eis o *Admirável mundo novo*, no longínquo ano de 632 “depois de Ford”, como descrito no futuro distópico de Aldous Huxley.

E eis que cá estamos hoje, neste presente distópico, também a acossar e a delimitar índios “selvagens” em reservas espremidas, a uma distância segura da nossa propalada modernidade. E cá também estamos a olhá-los com um misto preconceituoso de exotismo, racismo e pretensa superioridade cultural a cada vez que tentam se imiscuir na universidade, na espaço urbano, no debate público. Se John era a antítese humanista daquela distopia futurista, os Pataxós, os Krenaks, os Yanomamis, os Guaranis-Kaiowás e outras etnias são os Johns no Brasil de 2017.

Talvez esse seja o grande simbolismo que reluz na graduação dos alunos Amaynara Silva Souza e Vazigton Guedes Oliveira, de etnia pataxó, que colaram grau como médicos na 141ª Turma da Faculdade de Medicina da UFMG, em dezembro último. Porém, seria reducionista entender a presença indígena na Universidade – hoje amplificada pelo Programa de Vagas Suplementares da UFMG – como mero simbolismo de um gesto de reparação histórica a povos que, há mais de 500 anos, enfrentam um ativo processo de massacre étnico, cultural e ecológico. Vislumbrar os alunos indígenas apenas como símbolos a adornar uma sociedade que quer parecer multicultural e tolerante é furtar-lhes o direito à cidadania plena, é esvaziar a potência de sua presença na Universidade.

É necessário ouvir, compreender e assimilar a voz dos índios, de suas lideranças e de intelectuais como Ailton Krenak e Davi Kopenawa. É deles que vem o contraponto à distopia. São suas vozes dissonantes que nos alertam do perigo que representa a marcha avassaladora do desenvolvimentismo sobre populações minoritárias e sobre o meio ambiente, com sua fúria a desviar e a represar rios para construir megausinas hidrelétricas na Amazônia, a destruir montanhas inteiras para extrair minérios – tudo para saciar nossa irrefreável sanha por “progresso”. Ouçamos o xamã yanomani Kopenawa, em seu impressionante livro *A queda do céu*, coescrito com o antropólogo Bruce Albert:

As coisas que os brancos extraem das profundezas da terra com tanta avidez, os minérios e o petróleo, não são alimentos. São coisas malélicas e perigosas, impregnadas de tosses e febres [...]. Ele [Omama], porém, decidiu, no começo, escondê-las sob o chão da floresta para que não nos deixassem doentes. Quis que ninguém pudesse tirá-las da terra, para nos proteger. Por isso, devem ser mantidas onde ele as deixou enterradas para sempre. A floresta é a

carne e a pele de nossa terra [...] O metal que Omama ocultou nela é seu esqueleto, que ela envolve com seu frescor úmido. [...] Eles [os brancos] já possuem mercadorias mais do que suficientes. Apesar disso, continuam cavando o solo sem trégua, como tatus-canastra. Não acham que, fazendo isso, serão tão contaminados quanto nós somos. Estão enganados.

Na perspectiva yanomami, os metais das profundezas das montanhas foram implantados por Omama, o demiurgo, para serem os fundamentos que sustentam a terra. São funestas as consequências de solapar esse arcabouço:

Assim, esse ferro está enfiado na terra como as raízes das árvores. Ele a mantém firme como espinhas fazem com a carne dos peixes e esqueletos, com a de nosso corpo. Torna-a estável e sólida, como nosso pescoço faz nossa cabeça ficar reta. Sem essas raízes de metal, ela começaria a balançar e acabaria desabando sob nossos pés. Isso não acontece em nossa floresta, pois ela está no centro da terra, onde esse metal de Omama está soterrado. No entanto, entre os brancos, em seus confins, onde o solo é mais friável, acontece às vezes de ela tremer e se romper, destruindo cidades.

Devemos deixar de ver essa mensagem como risível folclore primitivo. Uma visão “selvagem” e “incivilizada”? As tragédias criminosas em Belo Monte, em Mariana e no Vale do Rio Doce, com cidades, comunidades e ecossistemas inteiramente arrasados, como profetizou o xamã, evidenciam bem que incivilizada e ingênua é justamente a visão de que sobreviveremos incólumes ao assalto ganancioso e frenético ao meio ambiente, que perpetramos com ímpeto ecocida. O desequilíbrio gerado pela exploração ambiental irresponsável ameaça o clima e as reservas hídricas e impacta comunidades tradicionais e a saúde pública. Urge ouvir Kopenawa que, profeticamente, sentencia: “Se os brancos de hoje conseguirem arrancá-lo [o metal] com suas bombas e grandes máquinas, do mesmo modo que abriram a estrada em nossa floresta, a terra se rasgará, e todos os seus habitantes cairão no mundo de baixo”.

A tarefa que se nos impõe é de resgatar a memória da cosmovisão indígena, historicamente silenciada e menosprezada. É necessária a transmutação de todo um aparato de pensar. “O pensamento dos brancos está cheio de esquecimento”, sentencia Kopenawa, invertendo brilhantemente a lógica neurocientífica que compreende a amnésia como um fenômeno negativo (falta de lembrança) e não como um processo positivo (excesso de olvido).

Essa ressignificação da memória e da voz indígena potencializaria, pois, uma nova maneira de refletir a ação humana no planeta. Lembrando Faulkner – “a memória acredita antes de o conhecimento lembrar” –, precisamos resgatar essa memória e explicitá-la na recordação de um novo conhecimento, para construção de uma nova praxis ancorada em novo ethos. E, para tanto, precisamos ouvir e escutar o que os índios, os “Johns” deste Admirável mundo novo, têm a nos dizer – na universidade e fora dela.

* Médico neurologista, doutor em Neurociências pela Université Paris 6, professor adjunto do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

MATEMÁTICA e POESIA

Ciclo que reunirá nomes importantes do Brasil e do exterior começa nesta semana com conferências de Artur Avila e Ana Martins Marques

Da Redação

O campus Pampulha vai sediar nesta semana as duas primeiras conferências do ciclo *UFMG, 90 – Desafios contemporâneos*, que comemora os 90 anos da Universidade.

O matemático Artur Avila vai falar na quarta, 15, sobre *Matemática no Brasil: desenvolvimento, lições acumuladas e desafios*. Vencedor, em 2014, da Medalha Fields, a premiação mundial mais importante em sua área, Avila é pesquisador extraordinário do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) e mantém vínculo ainda com o Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), de Paris. A conferência terá início às 14h, no auditório da Reitoria.

Na quinta, 16, será a vez de Ana Martins Marques, que vai abordar o tema *Percursos da poesia: uma conversa*. Um dos nomes mais prestigiados da poesia contemporânea, Ana é doutora em literatura comparada pela UFMG, autora de *A vida submarina* (2009, Prêmio Cidade de Belo Horizonte), *Da arte das armadilhas* (2011, Prêmio Biblioteca Nacional) e *O livro das semelhanças* (2015, Prêmio APCA de Poesia), entre outros. O evento vai começar às 19h, no Centro de Atividades Didáticas 1 (CAD 1).

Segundo a vice-reitora Sandra Goulart Almeida, o ciclo, que é apoiado pela Fapemig, tem o objetivo de reunir nomes importantes de vários campos do conhecimento. “É mais um presente que a UFMG oferece para a sua comunidade e para a comunidade externa”, destaca ela, comentando também que, de forma simbólica, o ciclo será aberto por “dois jovens, talentosos e premiados especialistas em suas áreas”.

Noturno

Algumas das conferências serão integradas às Atividades Acadêmicas Complementares, ofertadas no período noturno. São os casos das apresentações da própria poetisa Ana Martins Marques, da presiden-



Ana Martins Marques é doutora pela UFMG

te da SBPC, Helena Nader (3 de abril), do climatologista Carlos Afonso Nobre (17 de maio) e do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (29 de agosto).

Entre os convidados estrangeiros com presença confirmada, estão o historiador britânico Peter Burke e sua mulher, a brasileira Maria Lúcia Palhares Burke; o ativista norte-americano Richard M. Stallman, fundador do Movimento Software Livre e criador da *General Public License* (GNU), a licença livre mais usada no mundo; Jacques Godfroid, da Universidade de Tromsø, na Noruega, que vai falar sobre brucelose e infecções micobacterianas na interface do humano com a vida selvagem; o geneticista dinamarquês Eske Willerslev, que vai abordar a ocupação humana das Américas e a extinção da megafauna tardia do Quaternário.

Conferencistas confirmados

Artur Avila, matemático (Impa/CNRS) – 15 de março, 14h, auditório da Reitoria

Ana Martins Marques, poetisa – 16 de março, 19h, CAD 1

Helena Nader, presidente da SBPC

Carlos Nobre, climatologista (Inpe)

Richard Stallman, criador da *General Public License* (GNU)

Jacques Godfroid, biólogo (Universidade de Tromsø, Noruega)

Eske Willerslev, geneticista (University of Cambridge e Copenhagen University)

Peter Burke e **Maria Lúcia Palhares Burke**, historiadores (University of Cambridge)

Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo (UFRJ)



Artur Avila ganhou a Medalha Fields em 2014

AULA DE DIREITOS HUMANOS

Racismo e gênero serão abordados em palestras na tarde de quinta-feira

A inédita Formação Transversal em Direitos Humanos oferece, neste semestre, três disciplinas abertas a estudantes de todos os cursos de graduação. Sua aula inaugural, nesta quinta-feira, 16, das 14h às 16h30, será proferida pelo cineasta Joel Zito e por Luma Nogueira de Andrade, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, primeira professora doutora travesti a fazer parte do quadro de docentes efetivos de uma universidade pública federal. A atividade ocorrerá no auditório da Reitoria.

Joel Zito antecipa as reflexões que nortearão sua participação na aula. “O antropólogo Kabengele Munanga diz que no Brasil o racismo é um crime perfeito. E o grau máximo de perfeição a que um crime pode chegar é quando o criminoso transfere a responsabilidade para suas vítimas”, diz o cineasta. Para ele, o racismo é um crime ainda mais perfeito, pois se funda na ideologia do branqueamento. “Esse é o ponto de partida e de chegada em minha aula inaugural”, diz.

A professora Luma Nogueira informa que apresentará uma análise crítica e histórica dos direitos humanos com base na interseção de gênero e sexualidades não hegemônicas. “O objetivo central é problematizar a temática”, afirma.

Serão emitidos certificados de participação para aproveitamento como atividade complementar. Mais informações pelo telefone 3409-4595 ou pelo e-mail redes@proex.ufmg.br.



Luma Nogueira: análise crítica e histórica

TERRENO em preparo

Estudo de professor do ICB pode abrir caminho para cultivo em laboratório de células-tronco hematopoiéticas

Ana Rita Araújo

Realizado com o intuito de reconstituir os componentes do sangue de pacientes submetidos a processos agressivos como a quimioterapia, o transplante de medula óssea nem sempre alcança esse objetivo em sua plenitude, devido ao baixo número de células-tronco hematopoiéticas obtido nesse procedimento – apesar de seu enorme potencial, elas existem em quantidades reduzidas em cada organismo. No entanto, começam a ser desvendados os sinais químicos responsáveis pela reprodução dessas células-tronco – que originam todas as células do sangue –, o que abre caminho para seu cultivo em laboratório.

Essa descoberta foi descrita em artigo recém-publicado na revista *Nature Cell Biology* pelo professor Alexander Birbrair, do Departamento de Patologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB). Fruto de colaboração com pesquisadores de instituições dos Estados Unidos e do Japão, o trabalho identifica aspectos até então desconhecidos de microambientes dos ossos, onde se localizam dois tipos de células-tronco hematopoiéticas. Uma, mais potente, permanece “adormecida” na medula até o momento em que precisa formar células iguais a ela. A outra é acionada em casos de emergência para o organismo e se diferencia em vários tipos de células mais maduras, como macrófagos e linfócitos, capazes de eliminar micro-organismos e vírus. “Descobrimos basicamente a comunicação existente entre os microambientes vasculares e essas células na medula óssea”, comenta Birbrair.

O pesquisador explica que, diferentemente de outras células-tronco, as hematopoiéticas ainda não são obtidas eficientemente por multiplicação *in vitro*, já que, quando reproduzidas artificialmente, perdem a capacidade de formar todas as células sanguíneas. “Para criar esse ambiente artificial, precisamos compreender muito bem como funcionam no organismo vivo. Por isso, temos estudado os nichos onde elas se localizam, já que o osso é formado de várias estruturas e possui diferentes tipos de células”, diz.

Entre as descobertas do trabalho está a presença, em locais específicos da estrutura óssea, de um tipo especial de célula, os pericitos. “As células se comunicam entre si por emissão de vários sinais químicos, como proteínas e citocinas. Observamos que os pericitos localizados nas arteríolas e nos sinusoides dos ossos se comunicam respectivamente com um dos tipos de células-tronco hematopoiéticas e enviam mensagens diferentes, levando a comportamentos distintos”, informa Birbrair. De acordo com o trabalho, as células-tronco hematopoiéticas dormentes ficam especificamente perto das arteríolas, e as outras, próximas aos sinusoides.

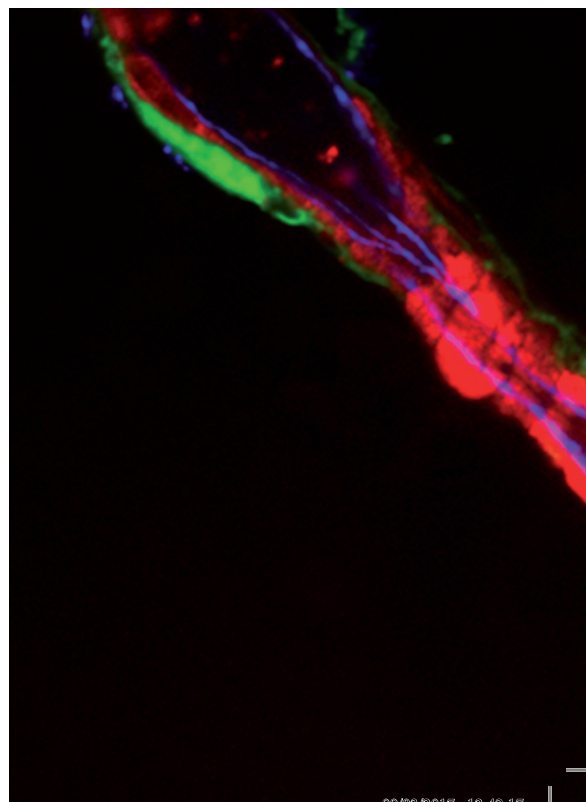
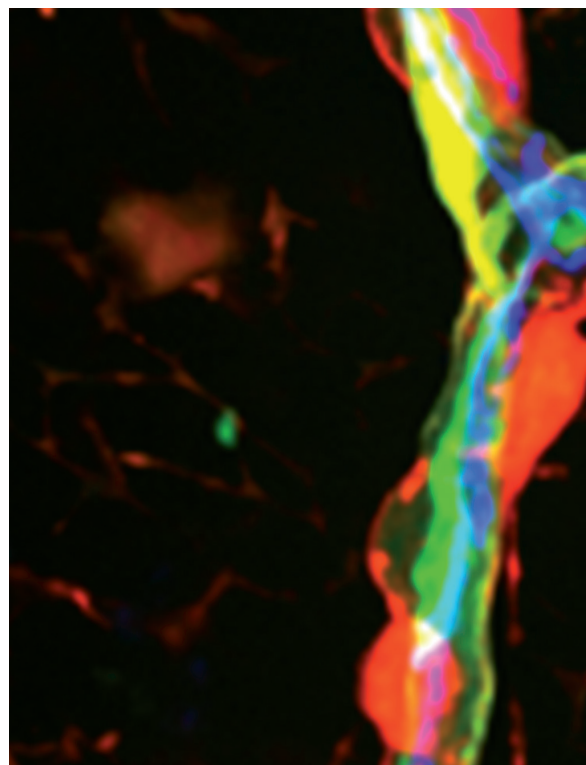
A equipe também descobriu que os pericitos localizados nos sinusoides sinalizam com a citocina Stem Cell Factor (SCF), enquanto aqueles alojados nas arteríolas se comunicam com a citocina CXCL12. “Investigamos se a citocina (ou sinal) CXCL12 é importante para a manutenção das células-tronco hematopoiéticas derivadas de todos os pericitos e vimos que não. Cada tipo de pericito é importante em seu microambiente vascular”, observa o pesquisador. Testes foram realizados com modelos de animais transgênicos, manipulados para evitar que os pericitos arteriulares produzissem a CXCL12. “Observamos que, quando removíamos essa citocina dos pericitos arteriulares, as células-tronco hematopoiéticas desapareciam. Trata-se, pois, de um sinal muito importante para mantê-las no estado de dormência nas arteríolas”, conclui.

Em lugares especiais

A origem de todas as células do sangue – leucócitos, hemácias, neutrófilos, entre outras – está nas células-tronco hematopoiéticas, que surgem no desenvolvimento do feto, a partir de células endoteliais, e raramente são formadas novamente na fase adulta. “O organismo as mantém protegidas em lugares muito especiais. No indivíduo adulto, a maior parte delas está na medula óssea, e algumas poucas, no baço”, explica Alexander Birbrair.

Ao se multiplicar, as células-tronco hematopoiéticas superpotentes geram células maduras, que têm pouco tempo de vida – toda hemácia dura apenas 120 dias no sangue – e forma apenas uma idêntica à original, chamada “superpotente”, que se

Acervo da pesquisa



Detalhes de imagens microscópicas da medula óssea: estudo possibilitou a descoberta da comunicação entre os microambientes vasculares e as células-tronco hematopoiéticas

mantém dormente ou adormecida. “O organismo sempre tenta manter uma reserva de células com esse potencial, mas essa regulação depende muito do microambiente. Dentro da medula óssea, é garantido que o processo vai ocorrer. O mesmo não se dá no pratinho de laboratório, por isso estamos estudando maneiras para mimetizar esse ambiente, com todas as sinalizações químicas, para vislumbrarmos a possibilidade de um cultivo artificial”, enfatiza Birbrair.

Segundo o pesquisador, do ponto de vista evolutivo, pode ser mais vantajosa a diferenciação em tipos de células com funções diversas, como proteção e oxigenação. Contudo, como nenhuma outra célula no organismo consegue dar origem às células-tronco hematopoiéticas, é fundamental que, no processo de proliferação, ocorra a formação de uma célula igual, que mantenha a característica de superpotência em uma reserva de células presentes no organismo, “uma vez que a diminuição dessas células leva à consequente diminuição de todas as outras células do sangue”, explica.

Bancos de células

A possibilidade de expandir as células-tronco hematopoiéticas em ambiente artificial pode levar à criação de bancos de células, o que facilitaria o tratamento de pacientes com leucemia, enfatiza Birbrair. “Apesar dos avanços na área, é difícil encontrar doador compatível, e a quantidade desse material é pequena. Algumas pessoas precisam de um segundo transplante de medula”, ressalta.

Birbrair comenta que, se há 30 anos a leucemia não tinha tratamento, hoje há medicamentos que eliminam as células tumorais, mas também as células normais do organismo, as quais devem ser reconstituídas por meio de transplantes de células-tronco hematopoiéticas.

O procedimento consiste na infusão intravenosa dessas células, provenientes de um doador compatível, com o intuito de restabelecer a função medular e imune. “Esses transplantes, cujo número tem apresentado aumento expressivo, vêm sendo usados para a cura de diversas patologias, como doenças hematológicas malignas e não malignas, imunodeficiências, erros inatos do metabolismo e tumores sólidos”, explica.

Para que o enxerto das células-tronco hematopoiéticas de um doador – obtidas da medula óssea, de sangue periférico ou de cordão umbilical – tenha sucesso, é fundamental que as células infundidas proliferem e formem todas as células do sangue no receptor.

Artigo: Contribuição diferente de citocinas das células perivasculares para os nichos das células-tronco hematopoiéticas

Autores: Noboru Asada, Halley Pierce, Alexander Birbrair e Paul S. Frenette, vinculados ao Albert Einstein College of Medicine e ao Mount Sinai Center for Bioinformatics (EUA); Zichen Wang, Nicolas F. Fernandez e Avi Ma’ayan, vinculados ao Mount Sinai Center for Bioinformatics (EUA); Yuya Kunisaki, da Kyushu University (Japão)

Informações sobre outras pesquisas desenvolvidas no laboratório coordenado pelo professor Alexander Birbrair estão disponíveis no site www.icb.ufmg.br/birbrair.



Equipe da UFMG coordenada pelo professor Alexander Birbrair (ao centro)

Acervo Alexander Birbrair

ALIMENTAÇÃO (nada) OLÍMPICA

Grupo de pesquisa identifica incongruências entre a prática esportiva e a comida vendida nos Jogos do Rio de Janeiro

Luana Macieira

Durante os 16 dias em que o Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos no ano passado, mais de 2,5 milhões de pessoas passaram pela cidade e circularam pelas arenas, estádios e ambientes onde ocorriam as competições. Nesses locais, a oferta de comida incluía hambúrgueres, cachorros-quentes, pipoca, refrigerantes e cervejas. A falta de alimentos saudáveis em um evento fundamentado na prática esportiva chamou a atenção de um grupo de pesquisadores, que investigou o abismo entre a alimentação proposta pelas diretrizes dos organizadores das Olimpíadas e a comida que era efetivamente vendida durante o evento. O grupo, liderado pelo professor Joe Piggan, da Universidade de Loughborough, conta com integrantes da UFMG e de outras universidades do Brasil, da França e do Reino Unido.

Inicialmente, o grupo consultou as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Ministério da Saúde e do Comitê Olímpico Internacional (COI), com o objetivo de identificar os tipos de alimentos recomendados por esses órgãos como ideais para oferta em megaeventos esportivos. "As diretrizes eram unâimes ao propor uma alimentação saudável durante a competição, mas percebemos que, na prática, isso não se concretizava. Os órgãos responsáveis pela

organização sugerem a venda de alimentos naturais ou minimamente processados. Porém, nos Jogos do Rio 2016, predominaram alimentos processados e de alto valor energético", explica o pesquisador Matheus Milanez, aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG (EEFFTO).

Os oito pesquisadores envolvidos no estudo entrevistaram 30 pessoas que acompanharam as competições olímpicas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte. A intenção das entrevistas era descobrir se o tipo de alimentação que eles esperavam encontrar era ofertada nos locais do evento. "Todos os entrevistados alegaram que esperavam produtos mais saudáveis. Além disso, muitos reclamaram do preço dos alimentos e da água, que eram vendidos por um valor quatro vezes maior que o praticado no mercado", afirma George Cunha, psicólogo do Centro de Treinamento Esportivo (CTE-UFMG) e membro do grupo que participou do estudo.

A pesquisa deu origem a um banco de dados, que conta com as informações sobre as entrevistas, as legislações que regem as políticas de venda de alimentos nas Olimpíadas e as regras sobre como deve funcionar o

marketing de produtos alimentícios em eventos esportivos. "Queremos que essa pesquisa gere frutos para as Olimpíadas de Tóquio, em 2020. A intenção é que a alimentação servida ao público durante as competições esteja mais de acordo com o que é pregado pelas diretrizes da OMS e do COI e que os grupos alimentares que patrocinam esses eventos não interfiram tanto nas escolhas dos produtos vendidos", diz o psicólogo.

George Cunha acrescenta que o grupo pretende, ainda, alertar para a necessidade de que o esporte esteja sempre associado à alimentação saudável. "O esporte e os megaeventos esportivos podem ser promotores de saúde e de valores relacionados à saúde. Quando uma pessoa vai assistir a uma competição e, naquele local, come um sanduíche natural ou uma fruta, ela associa aquele alimento à prática esportiva. Vemos isso como essencial para melhorar a qualidade de vida da população", conclui.

Origem

O estudo sobre os alimentos vendidos durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro foi desenvolvido pelo grupo Pesquisa em Atividade Física e Nutrição em Megaeventos Esportivos (Phansmer), criado antes dos Jogos do Rio, quando a delegação olímpica do Reino Unido utilizou o Centro de Treinamento Esportivo (CTE) como local de preparação de seus atletas. À época, o professor Joe Piggan e outros pesquisadores de universidades britânicas foram convidados pelo Consulado Britânico de Belo Horizonte para participar de evento científico que trataria dos possíveis legados olímpicos para o Brasil. Piggan então convidou os pesquisadores da UFMG a integrarem o grupo de estudos, que hoje é formado por oito estudiosos do esporte do Brasil, do Reino Unido e da França. A íntegra do estudo está disponível no site <http://phansmerstudy.com>.

Projeto: *Food for spectators at the Olympic and Paralympic games: an evaluation of health and nutrition claims at Rio 2016*

Participantes: Haifa Tlili, Doralice Lange de Souza, Matheus Milanez, George Cunha, Bruno Henrique Louzada, Billy Graeff e Joe Piggan



Matheus Milanez e George Cunha: trabalho para associar o esporte à alimentação saudável

ESCRITA, SOM E IMAGEM

Professores, pesquisadores, alunos de graduação e de pós podem se inscrever no colóquio internacional *Escrita, som, imagem*, que será realizado de 9 a 13 de maio, na Faculdade de Letras. O evento, que integra as comemorações dos 90 anos da UFMG, tem caráter multidisciplinar e conta com a colaboração de professores das escolas de Música e de Belas Artes e das faculdades de Letras e de Filosofia e Ciências Humanas. A promoção é do grupo de pesquisa Intermídia.

Entre os palestrantes convidados estão Irina Rajewsky, professora da Freie Universität, em Berlim, e pesquisadora no âmbito da inter e transmidialidade literárias, e Claus Clüver, professor da Universidade de Indiana (EUA), autor de mais de 30 publicações sobre intermidialidade e estudos interartes.

O colóquio ocorrerá paralelamente à 6ª Jornada Intermídia, que reunirá estudiosos de literatura, música, artes visuais, cinema, teatro, arquitetura e mídias digitais que atuam em perspectiva transdisciplinar. Mais informações podem ser obtidas em www.lettras.ufmg.br/intermidia2017 e pelo e-mail intermidia2017@gmail.com.

PROJETOS NA HOLANDA

Estudantes de graduação e pós-graduação da UFMG podem concorrer a bolsas para desenvolver projetos na Holanda, por meio do Programa Living Lab Biobased. Os candidatos devem estar matriculados em cursos das áreas de tecnologia da água, agricultura e alimentos, química verde ou ambiente sustentável.

O programa, resultado de colaboração entre universidades mineiras e holandesas, consiste de plataforma de educação e investigação aplicada, na qual estudantes de graduação, professores e pesquisadores trabalham para encontrar soluções para problemas reais, como o aproveitamento de resíduos para diversos fins.

As inscrições devem ser feitas até 1º de abril, para ingresso no segundo semestre deste ano, ou até 1º de outubro, para participação durante o primeiro semestre de 2018. Mais informações estão disponíveis em www.biobased-brazil.org/student/the-netherlands.



Sarah Dutra/UFMG

LIVROS COM DESCONTOS

A Editora UFMG realiza, de 21 a 23 de março, a 8ª Feira Universitária do Livro da UFMG. Os estandes estarão abertos das 9h às 19h, na Praça de Serviços do campus Pampulha (Avenida Antônio Carlos, 6.627, Belo Horizonte).

Vinte e sete editoras de todo o país venderão títulos com descontos de, no mínimo, 40%, incluindo lançamentos. Estarão representadas, entre outras, as editoras Autêntica, C/Arte, Cia. das Letras, Editora 34, Edusp, Fino Traço, Lexicon, LPM, Oficina de Texto, Piaget, PUC Minas, Sesc, UFPR, Unesp, Unicamp e Zahar.

Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail: imprensa@editora.ufmg.br.

CEDEPLAR, 50 ANOS

O Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (Cedeplar) vai comemorar 50 anos com um seminário no próximo dia 23, a partir das 14h, na Faculdade de Ciências Econômicas (Face). A iniciativa é organizada conjuntamente com o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), que completa 55 anos.

Duas mesas de debate vão tratar da relação da história das duas instituições com o desenvolvimento de Minas Gerais e os desafios para a construção do futuro. Além dos dirigentes da UFMG, do Cedeplar e do BDMG, o evento terá a presença do secretário de Planejamento do estado, Helvécio Miranda Magalhães Junior, e de professores e pesquisadores como Clélio Campolina, Paulo Paiva, Paulo Haddad, José Alberto Magno de Carvalho e Mauro Borges Lemos.

Ao fim da jornada, será reaberta, com um coquetel, a exposição *50 anos do Cedeplar*.

HELENA ANTIPOFF

O trabalho de Helena Antipoff e o centenário da revolução russa serão lembrados em encontro nos dias 17 e 18 de abril, na sede da fundação que leva o nome da educadora e psicóloga, em Ibirité, Região Metropolitana de Belo Horizonte. O evento, que tem o Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG entre os organizadores, terá participação da historiadora Marina Sorokina, curadora da coleção latino-americana do Centro Alexander Solzenitsyn de Estudos da Diáspora Russa, em Moscou.

A historiadora vai abordar os resultados de suas pesquisas sobre a atuação de Antipoff em instituições de pesquisa em psicologia e educação e em abrigos para crianças em risco social mantidos na Rússia na época da Revolução de 1917. A pesquisadora também coletará materiais e depoimentos para exposição sobre vida e obra de Helena Antipoff no Museu da Diáspora Russa, que será inaugurado em Moscou, em 2018. Informações sobre a programação estão disponíveis em <http://bit.ly/2IXOC>.

APOIO A EVENTOS

O Programa de Apoio Integrado a Eventos (Paie) já reúne propostas para realização de atividades programadas para o período de maio a agosto deste ano. Servidores técnico-administrativos e professores podem apresentar eventos de caráter técnico, científico, esportivo e artístico, com custo máximo de R\$ 3 mil.

O Paie apoia a realização de eventos acadêmicos como ciclos de estudos e palestras, concertos, espetáculos, exposições, olimpíadas, entre outros. Os eventos deverão ser geridos pelas unidades acadêmicas ou por órgãos suplementares da UFMG. Não serão analisadas propostas de iniciativas de extensão, cursos e disciplinas de graduação e pós.

As propostas deverão ser submetidas até 10 de abril, exclusivamente por meio do Sistema de Fomento da Extensão (acesso pelo Minha UFMG). Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-3215.

GRACILIANO em leituras cruzadas

Em livro, professor da Fale explora os discursos sobre ética do romancista brasileiro e de pensadores como Jacques Derrida

Itamar Rigueira Jr.

Cada um em seu tempo e de seu lugar, o escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) e o filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) escreveram sobre ética. As narrativas do brasileiro e os ensaios de Derrida contêm reflexões sobre conceitos como justiça, responsabilidade e perdão.

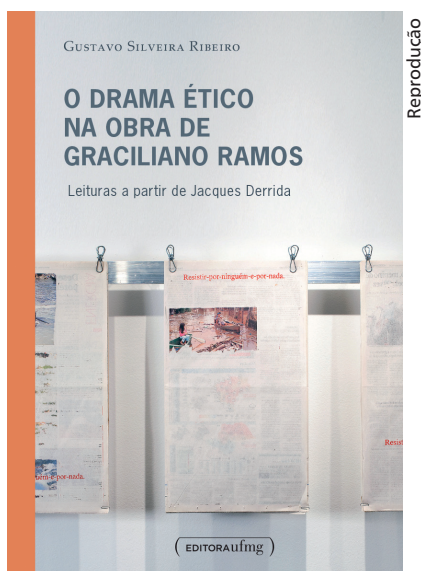
Acostumado a circular numa região de interesses acadêmicos marcada pela interseção da literatura com a filosofia, o professor Gustavo Silveira Ribeiro, da Faculdade de Letras, encontrou aí um campo novo a explorar. Os diálogos entre Graciliano e Derrida – aparecem também nomes como Theodor Adorno e Giorgio Agamben – foram tema da pesquisa de doutorado, que resultou no livro *O drama ético na obra de Graciliano Ramos* – leituras a partir de Jacques Derrida (Editora UFMG).

“Eles lançam mão de elementos ético-políticos que podem iluminar questões dos tempos atuais. Optei por reflexão que aproxima os autores. Não se trata de literatura comparada, o que faço são leituras cruzadas, sem hierarquização”, explica Gustavo Ribeiro, acrescentando que é muito mais comum deparar com textos que relacionam a literatura do alagoano com a história e a sociologia do que com pressupostos filosóficos.

Segundo o pesquisador, essa aproximação é produtiva para se entender melhor o filósofo e o romancista. “Graciliano trata das escolhas, da relação com o outro, dos limites e da responsabilidade de cada indivíduo. Ele problematiza os conflitos com a moralidade, a família e as classes superiores ou subalternas”, diz Ribeiro. “E faz isso de maneira não normatizante, em forma de questionamento. E a dúvida é exatamente o lugar da filosofia”, acrescenta.

Quatro conceitos

Gustavo Silveira Ribeiro pinçou quatro conceitos presentes de forma expressiva na obra ficcional e autobiográfica do autor de *Angústia* e nos textos dos filósofos: tolerância, acolhimento, perdão e responsabilidade. Para falar de tolerância, ele toma como referência o livro *A terra dos meninos pelados*, de enredo marcado por conflito resolvido com inclusão. O texto de diálogo é *O papel-máquina*, de Derrida, que trata da imigração africana na Europa ocidental.



Reprodução

Livro: *O drama ético na obra de Graciliano Ramos*

Autor: Gustavo Silveira Ribeiro

Editora UFMG

252 páginas / R\$ 43 (preço de capa)

Lançamento: Sábado, 18 de março, das 11h às 15h, na Quixote Livraria e Café (Rua Fernandes Tourinho, 274 - Savassi)

O romance *Vidas secas* serve à abordagem da noção de acolhimento. O pesquisador enxerga na obra “o intelectual que se abre para ouvir os despossuídos, não letrados, apesar de sua baixíssima capacidade de reflexão. Ele se despoja de seu lugar de fala para traduzir o mundo caótico, sob opressão”, comenta Gustavo Ribeiro, que cruzou a história da família de retirantes com textos como *Da hospitalidade*, de Jacques Derrida.

Do livro *Infância*, em que Graciliano Ramos conta os seus 11 primeiros anos de vida, no interior de Alagoas, Ribeiro extrai a ideia de perdão. Ele lembra que o escritor evoca suas memórias de um mundo agressivo não para condenar, mas para rever com outros olhos o passado e seus personagens. “Perdoar, para Graciliano e para pensadores como Derrida e Emmanuel Levinas, não é esquecer ou cancelar, é dar outro significado, com o efeito paradoxal do dom, da oferta sem limite, sem expectativa de retorno”, explica o autor de *O drama ético*...

Responsabilidade, por fim, é o conceito associado a *Memórias do cárcere*, o célebre relato dos meses que Graciliano Ramos passou na prisão da Ilha Grande (RJ). Preso

sem processo, entre março de 1936 e janeiro de 1937, acusado de ser simpatizante do Partido Comunista, o escritor quase morreu de inanição. Dez anos depois, tomada a devida distância dos eventos, ele começou a escrever as *Memórias*, que não chegou a dar por terminadas até sua morte, em 1953.

A missão que Graciliano se impõe, ao contar suas experiências pessoais e analisar detalhadamente a situação de um país em estado de exceção de 1936 a 1945, se encaixa nas visões de Derrida (*Espectros de Marx*) e Agamben (*O que resta de Auschwitz* e *Estado de exceção*). “Para Derrida, responsabilidade não é o compromisso puro e simples, uma dívida cultural ou social, é a possibilidade de oferecer respostas às questões do seu tempo”, ressaltava Ribeiro. “E Graciliano põe em dúvida os fundamentos de seu tempo, se oferece como testemunha para melhor compreender os eventos que viveu.”